



# *Pensar a educação face aos desafios do mundo contemporâneo*

Manuela Silva\*

*"Il faut apprendre à discerner les chances non réalisées qui sommeillent dans les replis du présent. Il faut vouloir s'emparer de ces chances, s'emparer de ce qui change."*

(André Gorz)

## **I. Mudança e mutação. Crise e ruptura sistémica**

É sob o signo da mudança da sociedade neste fim de século e de milénio que eu desejaria situar a minha reflexão acerca dos desafios do mundo contemporâneo.

É um lugar-comum falar de mudança social ou, como alguns preferem, de "crise civilizacional".

O observador medianamente atento dá-se conta de que a realidade societal em que vive é mutável e de que, presentemente, o fenómeno da mudança se processa a um ritmo vertiginoso.

Os cientistas sociais, desde, pelo menos, o começo da década de setenta, reflectem sobre o fenómeno social da mudança nas sociedades ocidentais e propõem modelos explicativos dessa realidade.

Há, porém, que ter em conta que existe uma diferença abissal entre as abordagens de há trinta anos e aquelas que se vêm fazendo a partir dos últimos dez anos.

O enfoque com que, actualmente, se olha a mudança é agora marcado por duas ideias-chave:

- o que se está a passar não é uma mera evolução, mas sim uma real mutação de nível sistémico;

- os desequilíbrios que se observam não têm carácter meramente pontual e ocasional nem são susceptíveis de serem corrigidos num tempo de ajustamento; são, sim, afloramentos de um tempo de gestação de uma realidade inteiramente outra cujos contornos ainda se desconhecem em absoluto.

A prospectiva enquanto ciência de conhecimento do futuro, tão do agrado dos cientistas sociais da década de sessenta, perdeu relevância face à alteração na natureza da mudança em curso.

Roberto Carneiro, na sua introdução à edição portuguesa do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI, dá conta desta

\* Economista; Presidente da Pax Romana - Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos

perplexidade quando escreve: "Como há 3000 anos, (...) Filosofia e Educação confundem-se numa mesma angústia, num mesmo olhar, numa mesma indagação sobre o lugar e o caminho da pessoa humana na estrada, porventura nas encruzilhadas, que levam a uma nova etapa da sua história colectiva".

Neste quadro de mutação, o pensar da educação é uma tarefa do maior alcance mas também de extrema complexidade ou não fosse a tarefa de educar orientada para preparar as novas gerações, as crianças e jovens do presente, para a construção do futuro. Uma tal tarefa supõe, assim, uma visão lúcida acerca do presente e dos seus dinamismos próprios bem como uma percepção solidamente fundada das mudanças portadoras de futuro.

## **2. O que está a mudar?**

Na minha reflexão vou circunscrever-me à realidade do nosso País, muito embora esta não esteja ao abrigo - antes pelo contrário - do que se passa no mundo e, em especial, no espaço da União Europeia.

Por outro lado, vou colocar-me numa posição forçosamente selectiva, escolhendo apenas alguns dos campos de mudança que reputo principais. E, mesmo assim, terei de reconhecer que serei obrigada a fazer uma abordagem muito genérica, dada a vastidão dos temas, limitando-me aos enunciados dos vectores da mudança sem entrar na explicação das suas causas.

Terei presente que o objectivo da reflexão a fazer é o de contribuir para o pensar da educação na perspectiva de uma Congregação Religiosa que se reconhece como tendo responsabilidades específicas neste domínio.

### **2.1. A população**

É, sem dúvida, um dos fenómenos mais marcantes a nível mundial - a explosão demográfica.

Vivemos num Planeta cada vez mais povoado.

A população mundial continua a crescer. Sendo hoje de cerca de seis mil milhões, as previsões atiram para dez mil milhões o número dos habitantes do Planeta daqui a cinquenta anos.

Este simples dado demográfico constitui uma enorme força de pressão sobre os recursos mundiais e é visto com preocupação por parte dos responsáveis da política mundial ao mais alto nível, tanto mais que aquele crescimento se processa, e continuará a processar, de forma muito desigual nas diferentes regiões do Globo, com grande concentração de crescimento demográfico nas zonas mais empobrecidas.

Enquanto nos países industrializados a população praticamente estagnou ou mesmo diminuiu, o crescimento demográfico nos países em desenvolvimento foi tal que a percentagem da sua população em relação à população mundial poderá passar dos 93%

em 1990 para 95% no final do século.

Por seu turno, o número absoluto de jovens de menos de 15 anos (idade de escolarização) aumentou também consideravelmente, ultrapassando os dois mil milhões no ano 2000.

Este fenómeno associado à tendência para uma progressiva extensão da escolaridade e maior duração da escolaridade obrigatória, a par com a vontade política de recuperar o analfabetismo, que ainda grassa em vastas regiões, terá como consequência uma pressão crescente sobre a procura de educação, a nível mundial.

Em Portugal, pese embora as baixas taxas de natalidade da população portuguesa, é de esperar que continue a fazer-se sentir a tendência para o crescimento da procura de educação, devido ao alargamento da educação pré-primária, do diferente comportamento demográfico da população imigrada, da escassez de empregos e do esforço de recuperação do insucesso escolar.

No plano da evolução demográfica, não é ainda irrelevante o facto de se estar a verificar um envelhecimento progressivo da população com consequências muito negativas nas possibilidades de financiamento do esforço educativo das populações mais jovens.

O fenómeno da evolução da população não tem uma faceta meramente quantitativa.

A população (refiro-me agora à população portuguesa e ao mundo ocidental) está a mudar também do ponto de vista das suas características sócio-demográficas, devendo salientar-se, entre outros, os fenómenos seguintes:

- a situação familiar, hoje muito diversificada e, de modo geral, apresentando vínculos mais precários do que no passado recente; pense-se no número elevado de divórcios e de recomposições familiares; na elevada percentagem das uniões de facto, pelo menos durante certo tempo da vida conjugal; no número de crianças nascidas fora do casamento.

- a dimensão das famílias tende a ser mais reduzida (pai, mãe e um ou dois filhos) bem como se verifica um número apreciável de famílias monoparentais (em regra, mãe e um ou mais filhos a cargo).

De destacar, ainda, a maior mobilidade geográfica das famílias: nasce-se num sítio, cresce-se noutro, morre-se noutro, depois de se conhecer noutros locais por onde se foi vivendo, no próprio país ou no estrangeiro.

Deste quadro sócio-demográfico, decorrem vários desafios para o pensar da educação:

- a disparidade de situações em que se encontram as crianças e jovens que frequentam a escola, facto que tem incidência a nível da linguagem, do universo cultural, das facilidades e dos obstáculos próprios dos respectivos contextos familiares e, mesmo, quanto às expectativas suas e dos pais em relação à educação;

- a escassez relativa dos recursos humanos e financeiros para fazer face à procura de educação formal;

- a dificuldade intrínseca de concretização do princípio da igualdade de oportunidades

em virtude da enorme diversidade de situações.

## 2.2. A globalização da economia

A globalização da economia, que ocorreu no último quartel do século XX<sup>o</sup> que agora termina, está na origem de mudanças muito profundas no modo de organização e de funcionamento das actividades humanas de produção, circulação e repartição da riqueza bem como influenciou decisivamente os padrões de consumo e os estilos de vida das populações do mundo inteiro.

Entre os factores que levaram à globalização da economia, cabe destacar os seguintes:

- a liberalização das trocas dos bens e produtos, através da eliminação das fronteiras alfandegárias (os bens e serviços circulam agora livremente ou quase livremente em muitos países do mundo);
- a desregulamentação dos mercados financeiros, graças à criação de um vasto mercado mundial de capitais sob a égide de algumas (poucas) praças financeiras;
- a segmentação dos processos produtivos tornada possível devido às novas tecnologias e consequente flexibilização e mobilidade das diferentes unidades produtivas;
- a desmaterialização crescente da produção, através da incorporação em cada unidade de produto de maior peso de informação e de serviços.

A globalização da economia veio aumentar a dependência aos vários níveis; impôs padrões de flexibilização gravosos para o trabalho humano; trouxe a precariedade dos empregos e gerou níveis de desemprego nos países industrializados verdadeiramente alarmantes, minou os fundamentos da segurança no emprego e pôs em causa o figurino das carreiras profissionais.

Assiste-se, assim, a um paradoxo: conseguiram-se níveis de produção e de produtividade médios jamais alcançados a par de uma desigualdade agravada, de amplas massas de população excluída (pobreza) e um sentimento de insegurança e mal-estar social que não poupa mesmo os próprios favorecidos.

Entre outras, a globalização está a ter as seguintes consequências:

- uma re-estruturação da actividade económica a nível mundial e no interior de cada país (actividades que conhecem transformações tecnológicas profundas e outras que pura e simplesmente desaparecem);
- a constituição de poderosas redes científicas e tecnológicas à escala mundial com impacto sobre o agravamento da desigualdade de oportunidades no financiamento e na inovação;
- o reforço do poder do capital e das grandes praças financeiras sobre o conjunto da economia;
- a generalização/standartização de padrões de consumo (a "fast food", a coca cola e outros refrigerantes, os telemóveis, para dar alguns exemplos);

- a criação de estilos de vida "normalizados", isto é servindo de norma de referência na socialização, mesmo para as populações que não dispõem de recursos para os conseguir.

Por outro lado, não pode ignorar-se que a globalização tem favorecido e continua a favorecer o terrorismo internacional e a criminalidade, através da facilidade de circulação nas fronteiras, a livre movimentação dos capitais, o tráfico clandestino de drogas, armas e pessoas humanas, a lavagem de dinheiro sujo, etc..

Por último, cabe ter presente que estes fenómenos de mudança, no caso particular da economia global, não ocorrem em simultâneo nem produzem efeitos síncronos em todas as partes do Mundo ou regiões de um mesmo País.

Pensar a educação neste contexto obriga, assim, a equacionar, em permanência, um conjunto de tensões e entre elas as seguintes:

- tensão entre o global e o local (se é preciso preparar as novas gerações para serem cidadãos do mundo e tomarem parte na economia global, também é necessário dotá-las de conhecimentos e ferramentas para poderem agir localmente e na vida do seu próprio país e comunidades de base);

- tensão entre o conhecimento das tecnologias de ponta e as tecnologias tradicionais, de forma a valorizar ambas e permitir a maior racionalidade nos respectivos usos;

- tensão entre o aproveitamento do benefício dos novos produtos e daquilo que se convencionou chamar modernidade e a possível alienação decorrente da assimilação acrítica das modas ditadas pelo mero interesse lucrativo do capital financeiro;

- tensão entre o trabalho produtivo e outras formas de ocupação útil do tempo (lazer, cultura, relações familiares e sociais, compromissos cívicos e políticos ... );

- tensão entre a competitividade geradora de maior progresso material que a globalização de algum modo impõe e a prevenção da desigualdade excessiva e da exclusão que são fontes de conflito e de disfunções sociais.

A orientação dos currícula e dos programas bem como as práticas educativas não podem, penso, ignorar estes desafios.

### **2.3. A caminho de uma sociedade da informação**

As novas tecnologias da comunicação, ainda em processo de evolução vertiginosa, estão conduzindo a Humanidade para uma nova era - a era da informação.

Já hoje é possível ter acesso a informações rigorosas e actualizadas sobre os mais diversos assuntos: da economia à arte, da política à religião, do desporto à literatura, da ciência de ponta à culinária tradicional. Não há campo do saber e da experiência humana cujos conhecimentos não estejam a ser vertidos na memória de um qualquer suporte informático e tornados disponíveis a públicos cada vez mais vastos, desde que dotados dos respectivos meios de acesso. E tudo ao alcance do dedo ... E tudo ao alcance de um

simples gesto de premir uma tecla ...

Mais do que isso: a informação dialoga entre si e cria por si nova informação, mesmo em campos aonde não chega a capacidade do raciocínio e da memória humanos; a informação dá ordens de comando ao tráfego rodoviário, marítimo ou aéreo, às transacções nas bolsas de mercadorias ou de valores; aos líderes políticos face aos comportamentos e às expectativas dos seus eleitorados; aos seguranças dos hipermercados e outros grandes espaços de concentração de públicos; a informação produz máquinas e utensílios sem ou com reduzida intervenção humana directa.

Como se diz no Relatório para a Unesco numa síntese feliz: "Esta livre circulação de imagens e de palavras, que prefigura o mundo de amanhã, até no que possa ter de perturbador, transformou quer as relações internacionais, quer a compreensão do mundo pelas pessoas; é um dos grandes aceleradores da mundialização."

À semelhança daquilo que se passa com a economia global, também no que respeita à informação, há que ter presente que a sua disseminação se não faz de uma forma equitativa; pelo contrário, reforça a riqueza dos ricos e aprofunda a escassez dos pobres. Nos últimos dez anos, surgiu mesmo uma nova fractura social a que divide os info-ricos dos info-pobres.

Este fenómeno começa nas próprias famílias, prolonga-se através da escola, penetra as empresas e as administrações, atravessa, enfim, toda a sociedade.

A educação tem aqui um enorme desafio a enfrentar, já que lhe compete preparar as novas gerações para saber lidar com a informação, apropriar-se selectivamente do conhecimento disponível e transformá-lo em saber útil a si próprio e aos outros.

Pensar a educação neste contexto implica assumir que, tendencialmente, a maioria da população viverá no futuro ligada a actividades de informação, dependerá da informação e contribuirá para ela.

Falar da sociedade de informação não é apenas referir o papel das potentíssimas redes informáticas, mas também ter presente o alcance dos meios de comunicação de massa designadamente a televisão com as suas múltiplas vertentes de meio de informação e de conhecimento, de entretenimento, de normalização de valores, atitudes e comportamentos, de meio de socialização e até de poder político.

Vivemos numa sociedade mediática, isto é, numa sociedade que é moldada e alimentada pelos media. Não é por acaso que, nas sociedades ocidentais, é tão estreita a imbricação entre os investimentos nos media e os interesses dos grupos financeiros e/ou políticos.

Não vou desenvolver muito este ponto. O fenómeno TV é conhecido. Sobre ele se debruçaram muitos cientistas sociais das várias disciplinas e é unânime a convicção de que se trata de um poderosíssimo meio de influência nas sociedades contemporâneas, um quarto poder...

Pela TV se ganham e se perdem campanhas eleitorais, pela TV se tomam por necessidades básicas meras ficções artificialmente criadas, pela TV se geram ondas de

amor e de ódio face a pessoas e a acontecimentos, pela TV se moldam atitudes e comportamentos a que não é estranho sequer a violência e a criminalidade, pela TV se difundem valores, pseudo-valores ou anti-valores com idêntico impacto, etc..

A TV constitui um enorme desafio para o pensar da educação, por várias razões: - é um poderoso concorrente com a escola em matéria de informação e conhecimento, que a escola muito ganhará em saber aproveitar; - desafia a educação no que se refere à necessidade de formação das novas gerações para o bom uso da TV, nomeadamente quanto à capacidade de discernimento, reforço da auto-estima, defesa contra a massificação e, de modo geral, em todo o processo de construção dos valores pessoais, no confronto com os valores exteriores.

Não queria deixar, por último, de mencionar as novas modalidades de trabalho/emprego que a sociedade de informação vem possibilitar. O auto-emprego ou o teletrabalho são inovações que devem passar a figurar nas representações veiculadas pelos manuais escolares bem como devem ser tidos em conta na formação das novas gerações, por parte da escola, nos currícula e nos programas, pois passará por aqui um dos meios para enfrentar o risco de desemprego que paira sobre as gerações mais jovens.

### **3. Os valores e a massificação da sociedade**

No espectro dos desafios que a mudança social coloca ao pensar da educação, não pode omitir-se uma referência à cultura e aos valores.

Não faltam textos que se propõem definir os valores típicos da pós-modernidade ou fazer a sua crítica, quase sempre por contraste com os chamados valores tradicionais. Lembro, por exemplo, um livro de estilo satírico e bem humorado que, embora com alguma superficialidade, ajuda a tomar o pulso aos valores da sociedade contemporânea. Estou a pensar no "Homem light".

Entre nós, autores como Eduardo Lourenço, Boaventura Sousa Santos, Filomena Mónica ou Manuel Villaverde Cabral têm dado contributos importantes.

Curiosamente - ou talvez não, conhecendo a composição da Comissão - o Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI é omissivo relativamente à problemática dos valores e da cultura. Julgo, no entanto, que se trata de uma dimensão importante do pensar da educação, que não pode ser ignorada ou escamoteada.

A primeira observação a fazer é a de que não existe uma cultura homogênea na nossa sociedade e que a heterogeneidade sócio-cultural existente atravessa a escola e a própria sala de aula.

As estatísticas sobre valores, atitudes e comportamentos definem apenas valores médios, medianas ou modas, mas estes não servem de referência ao educador que quer

chegar ao indivíduo e deseja respeitar a sua individualidade contextualizada.

Assim quando se fala da cultura dominante ou dos valores dominantes na sociedade, há que ter presente que estamos sempre perante uma diversidade de situações próprias de sociedades complexas, que tal diversidade convive e interage, gerando dinâmicas que, por sua vez, produzem novas mutações culturais e axiológicas.

A segunda observação a fazer é que, no contexto da massificação cultural produzida pelos media, há valores medietizados e valores silenciados e que estes últimos não são menos reais que os primeiros. Uns e outros interagem, o que leva a uma situação de desequilíbrio permanente: valores que emergem, valores que regridem, valores que se reciclam, valores que se forjam ...

Uma terceira observação a ter em vista é que, nestes processos axiológicos, se perderam ou enfraqueceram os referentes. Ninguém controla o processo. Nem as elites pensantes; nem os governos e as suas instâncias de policiamento; nem a escola; nem os pais e as famílias; nem as igrejas. É esta uma das características da pós-modernidade. No dizer de Niklas Luhman, vivemos numa sociedade descentrada - sociedade sem um ponto fixo sobre o qual aplicar com segurança a alavanca da mudança social.

Não quer isto dizer que não existam pólos aglutinadores de certo imaginário grupal, por exemplo, os grandes festivais, os "Colombo", as telenovelas, etc. Mas, o que é deveras intrigante, mas típico da "modernidade civilizacional", é o facto de a produção de valores se haver des-autorizado, ter deixado de ter autores imputáveis, para se tornar num processo despersonalizado, a cargo apenas de uma minoria de intermediários profissionais, tão irresponsáveis, socialmente, pela produção como pela recepção dos valores que veiculam. (M. Villaverde Cabral).

Como posicionar a escola face aos valores e à cultura mutante? Julgo que se poderão esboçar algumas linhas de direcção:

- estar atenta à mudança;
- reconhecer, aceitar e valorizar a diversidade/pluralidade;
- formar para a dignidade da pessoa humana, a liberdade, a responsabilidade pelo todo e a solidariedade;
- praticar uma cultura do Ser, aberta à interioridade e à transcendência;
- interagir responsabilmente junto das famílias, dos media, dos governos, das autarquias, das igrejas e demais actores sociais, de modo a fazer prevalecer estratégias favoráveis a uma educação à altura dos desafios da sociedade mutante.

#### **4. A participação activa das mulheres na sociedade**

A escola deu um contributo muito positivo para a construção da igualdade entre os sexos, na medida em que viabilizou o acesso das raparigas aos vários níveis de educação formal. Em poucas décadas, as raparigas não só recuperaram o atraso absoluto e relativo



dos índices de escolaridade como, em alguns casos, superaram os índices masculinos. Infelizmente, porém, não é esta, ainda, a situação em muitas zonas do Globo.

A escolarização abriu o acesso às diferentes profissões e à participação das mulheres na vida cívica e política. Persistem, todavia, na prática, barreiras discriminatórias contra as mulheres e os resultados estão à vista. Basta analisar as reduzidas taxas de participação feminina nos órgãos de poder político (Governo, Assembleia da República, Autarquias, Magistratura), o nível médio de remuneração das mulheres, as taxas de participação das mulheres em lugares de chefia nas empresas e na administração pública, no maior peso relativo das tarefas domésticas, etc.

E a escola? Que pode fazer para levar por diante o processo de igualdade de género de modo que aquele se faça no respeito pela diferença e com a plena valorização das características próprias de ambos os sexos? Limito-me a enumerar algumas linhas de reflexão:

- tomar consciência da importância da igualdade do género como vector de qualquer projecto educativo contextualizado para a sociedade contemporânea;
- expurgar dos programas, manuais e práticas educativas os preconceitos sexistas que contenham;
- desenvolver a linguagem e o imaginário não sexista;
- explicitar sistematicamente os dois géneros e valorar os respectivos atributos sem discriminação preconceituosa;
- dar idênticas oportunidades de criatividade, responsabilidade e liderança a raparigas e rapazes;
- contribuir, ao nível das práticas, para uma pedagogia de harmonização entre vida privada e vida pública em igualdade de oportunidades para ambos os géneros.


## **5. Pistas de reflexão para pensar a educação para o século XXI**

### **- Nota final**

À medida que fomos discorrendo sobre as grandes mutações em curso neste final de século e de milénio, fomos inquirindo acerca dos possíveis desafios daí decorrentes para o pensar da educação. Ficaram, assim, no ar múltiplos interrogantes a merecer análise e reflexão mais aprofundada.

Por outro lado, o facto de termos seguido um critério selectivo na identificação das áreas de abordagem (não vejo como poderia ter sido de outro modo, dados os limites de tempo disponível!) deixou na sombra áreas-problema do maior alcance para a configuração da mudança em curso. Entre as mais salientes, não deverão ser esquecidas as seguintes:

- a questão ecológica que se prende com a sobrevivência do próprio Planeta;
- a problemática da relação entre trabalho, emprego e desemprego, repartição da riqueza e definição de estatuto social;
- a exclusão social no seio dos países economicamente avançados;

- 
- o fosso crescente entre os países desenvolvidos e não desenvolvidos;
  - a proliferação da economia subterrânea (tráfico de droga, armamentos, lavagem de dinheiro sujo) e a criminalidade que lhe está associada;
  - os riscos que enfrentam as democracias representativas e as ameaças que impendem sobre a cidadania e sobre os direitos humanos;
  - o perigo de desregulação financeira a nível mundial;
  - os conflitos regionais, as guerras entre estados e o seu cortejo de vítimas (mortes, mutilados, refugiados);
- as questões da ética, nomeadamente no que se refere às ciências da vida.
- (...)

Não é muito tranquilizante o panorama da mudança em curso. Até porque, para a maioria destas questões, conhecem-se os problemas, identificam-se as suas causas, mas não se vislumbra como protagonizar as soluções requeridas.

Pensar a educação, a meu ver, implica prestar atenção a estas e outras problemáticas relevantes do ponto de vista da mudança em curso e desenvolver práticas de sensibilização correspondente junto dos educandos e das educandas, pois são eles e elas os construtores e as construtoras do futuro.

No Relatório para a Unesco, já citado, definem-se como pilares da educação para o século XXI os seguintes:

- aprender a conhecer
- aprender a fazer
- aprender a ser

Ou seja, importa conceber a educação como um todo contextualizado para um cenário de mudanças que é o nosso, e perspectivar para o desenvolvimento as potencialidades de cada indivíduo, rapariga ou rapaz, para estarem à altura de responderem em criatividade, responsabilidade e em solidariedade aos desafios com que vão deparar.